

VILSON JOSÉ SCARIOTTO

“A IMPORTÂNCIA DA FILOSOFIA PARA EDUCAÇÃO”

**SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
2007**

VILSON JOSÉ SCARIOTTO

“A IMPORTÂNCIA DA FILOSOFIA PARA EDUCAÇÃO”

Monografia apresentada ao Centro
Universitário Claretiano, como parte dos
requisitos para a obtenção do Certificado
de Curso de Pós Graduação em
Psicopedaggia

Orientadora: Prof^a Ms. Juliana da Rocha
Picado

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
2007

AUTOR: VILSON JOSÉ SCARIOTTO

TÍTULO: “A importância da filosofia para educação”

BANCA EXAMINADORA

Prof. . _____

Assinatura _____

Prof. . _____

Assinatura _____

Prof. . _____

Assinatura _____

São José dos Campos , _____ / _____ / _____

Resultado: _____

Dedico este trabalho para minha esposa,minha familia , pelo apoio e compreensão que recebi durante este ano, por mais esta etapa conquistada, e que juntos possamos no próximo ano alcançar inúmeras conquistas.

Agradeço aos professores do curso de Pós Graduação Psicopedagogia, a coordenadora Vera Lucia Casari Parreira, e a minha orientadora da Monografia, professora Juliana da Rocha Picado e a todos as colegas que durante este ano contribuíram para que eu chegasse ao final deste curso, obrigado pelo incentivo e por juntos conquistarmos mais esta significativa etapa de nossas vidas.

Gostaria de lembrar minha cunhada, Rosimeiry Alves Pereira, por ter me convidado para fazer este curso, minha eterna gratidão.

A filosofia é um assunto que não interessa apenas a especialistas e profissionais, porque todos os seres humanos em alguma circunstância da vida filosofam. Estamos obrigados a filosofar.

Bochenski

RESUMO

As concepções de vida e de mundo têm sofrido contínuas mudanças, gerando conflitos. Particularmente a educação se vê diante de novos desafios que são cruciais para o estabelecimento de seus objetivos e suas práticas. O objetivo da presente pesquisa é evidenciar a importância do ensino de Filosofia para a educação além de descrever, segundo opinião de autores da área, formas práticas do professor expor estes conteúdos em sala de aula. A metodologia utilizada neste trabalho foi baseada na pesquisa bibliográfica, que possibilitou estudo, pesquisa, análise e reflexão da temática estudada. Hoje a busca é por um novo ensino que assuma o fracasso escolar e a falta de qualidade, que defenda e ajude a construir um sistema de ensino público capaz de revelar a inteligência e os talentos das crianças, nunca descobertos e incentivados na escola, assim neste contexto entra a Filosofia nas escolas. A Filosofia requer que estejamos abertos ao novo procurando demarcar espaços que têm especial relevância para da Educação. Ficamos então desafiados: como ensinar Filosofia nas escolas! Mais do que isso: como ensinar de maneira significativa Filosofia para jovens e crianças em nossos dias. Buscar um ensino filosófico, condizente com a idade, dentro das experiências de cada um, aberto ao questionamento, a angústia, e ao novo. Oferecer um amplo panorama, com abordagens sobre a história do ensino da Filosofia, que interrogam os sentidos e as práticas. Para isto temos que organizar um ensino de Filosofia que passe pela etapa da sensibilização e da problematização. Mas, para que o estudante possa fazer parte desta experiência, o professor precisa de ferramentas para mediar esse processo. O professor tem que colocar em prática o sentido crítico e investigador da Filosofia, instigando os alunos a produzirem questões a partir do tema abordado. Quanto mais intensa e múltipla for essa problematização, mais elementos a classe e cada estudante terão para produzir sua própria experiência de pensamento. A história da Filosofia e os filósofos, tomados como ferramentas para compreender melhor aquele tema e o problema que está sendo investigado, ganham um sentido e um significado especial, não sendo apenas mais um conteúdo a ser decorado pelos estudantes. De qualquer forma, os conteúdos devem ser apresentados de forma temática, numa tentativa de torná-los mais próximos da realidade vivida pelos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia, Sentido, Educação.

SUMÁRIO

	PÁGINA
Introdução.....	09
Capítulo 1 - O que é Filosofia.....	12
Capítulo 2 - A transformação do homem através da Filosofia.....	17
Capítulo 3 - O sentido da Filosofia para a Educação.....	23
Conclusões.....	28
Referências.....	30

INTRODUÇÃO

No contexto da educação escolar, a importância dada às disciplinas revela um compromisso em garantir o acesso aos saberes elaborados socialmente, pois estes se constituem como instrumentos para o desenvolvimento, a socialização, o exercício da cidadania e a atuação no sentido de reformular os conhecimentos, as imposições de crenças e valores.

Através da educação estamos tratando do ato de educar, orientar, acompanhar, nortear, mas também o de trazer de "dentro para fora" as potencialidades do indivíduo (GASPARELLO, 1986).

Falar do ensino da Filosofia, da sua importância, da luta pela autonomia, é pensar em mudança cultural, em mudança de visão de mundo, de paradigmas.

Filosofar dentro da estrutura escolar com as crianças, adolescentes e jovens é capacitá-los para o debate, para a confrontação de idéias. Se a Filosofia consiste na experiência com o conceito, é importante que o jovem estudante tenha a oportunidade de fazer ele mesmo a experiência do pensamento e não apenas reproduzir. Portanto, abrir espaços para uma educação filosófica com as crianças, adolescentes e jovens é, acima de tudo, buscar um novo posicionamento diante da realidade social. Trata-se de sair do senso comum e ir para a consciência crítica. Isto não está somente a cargo do ensino da Filosofia, não será ela, por si só, que despertará o aluno para as mudanças de atitude perante o mundo, ou que o fará agir como sujeito responsável de sua história. É da sua essência e do seu fazer, alcançar tais

finalidades, quando ensinada e vivenciada no período escolar, juntamente com as demais disciplinas (GADOTTI,1979).

A experiência vivida por outros, sempre tendo como base uma tradição de pensamentos filosóficos. Afinal, os filósofos convivem conosco. Assim, havendo uma mudança de mentalidade, da forma de pensar, via educação, alcançaremos uma mudança política. O caminho da mudança pela educação filosófica passa pelo esclarecimento e consolida-se na íntima relação entre saber, poder, cultura e transformação, isto é, passa pela emancipação do indivíduo.

Tendo-se em vista este panorama, pode-se entender o porquê da importância da Filosofia não somente para os alunos, mas também para os professores, a chave mestra para a mudança na educação está nos professores.

Para ensinar, é preciso que o professor, em primeiro lugar, tenha claro para si quais são seus anseios, suas metas, suas frustrações. Após olhar para bem dentro de si, só então, é que o professor poderá olhar para o aluno como sujeito. Buscando o potencial de cada criança, e expandindo seu potencial por intermédio de uma orientação de acordo com a capacidade de cada um. O aluno deve ser convidado a refletir sobre o mundo que o cerca o conhecimento de uma realidade da qual ele próprio faz parte. Faz-se necessário ao educador o comprometimento como profissional durante as suas inter-relações em que o compromisso não pode ser um ato passivo, mas sim a inserção da práxis na prática educativa de professor e aluno.

Sendo assim, o objetivo da presente pesquisa é evidenciar a importância do ensino de Filosofia para a educação além de descrever, segundo opinião de

autores da área, formas práticas do professor expor estes conteúdos em sala de aula.

O trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro mostra a Filosofia como uma ciência que trata de estudar a realidade. O segundo capítulo mostra a transformação do homem através da Filosofia (o homem que pensa e questiona) Já o terceiro capítulo fala do sentido da Filosofia para a Educação, quanto mais cedo os alunos tiverem contato com a Filosofia , mais cedo podemos coloca-los em contato com a reflexão (valores, senso critico, e opinião própria) mais cedo poderão reinterpretar a vida.

A Metodologia usada no presente trabalho foi a pesquisa bibliográfica. Foi utilizado o método dedutivo, onde procedeu-se a análise dos principais pontos pertinentes a temática tratada, buscando elucidar as questões descritas.

CAPITULO 1

O QUE É FILOSOFIA

A filosofia trata da realidade não a partir de recortes, mas do ponto de vista da totalidade. A visão da filosofia é de conjunto, de entendimento do problema, não de modo parcial mas relacionando cada aspecto observado outros do contexto em que está inserido (CUNHA,1992).

A Filosofia não faz juízos de realidade, como a ciência, mas juízos de valor. Isto significa que filosofar é ir além do que é, é buscar entender como deveria ser, julgar o valor da ação, ir em busca do significado Filosofia propriamente surge quando um pensar torna-se objeto de uma reflexão (CUNHA,1992).

Podemos então conceituar a filosofia como uma reflexão sobre os problemas que a realidade apresenta.

“a filosofia não é, de modo algum, uma simples abstração independente da vida. Ao contrário ela é a própria manifestação humana e sua mais alta expressão(...)A filosofia traduz o sentir, o pensar e o agir do homem. Evidentemente, o homem não se alimenta da filosofia, mas sem dúvida nenhuma, com a ajuda da filosofia” (BRANGATTI,1993)

Este ramo do conhecimento que pode ser caracterizado de três modos: seja pelos conteúdos ou temas tratados, seja pela função que exerce na cultura, seja pela forma como trata tais temas. Com relação aos conteúdos, contemporaneamente, a Filosofia trata de conceitos como o bem, beleza, justiça, verdade. Mas, nem sempre a Filosofia tratou de temas selecionados,

como os indicados acima. Inicialmente, na Grécia, a Filosofia tratava de todos os temas, já que até o séc. XIX não havia uma separação entre ciência e filosofia, incorporava todo o saber. No entanto, a Filosofia inaugurou um modo novo de tratamento dos temas a que passa a se dedicar, determinando uma mudança na forma de conhecimento do mundo até então vigente (ARANHA, 1996).

A filosofia em sua trajetória histórica procura resposta as questões percebidas e a cada época são respondidas a partir de diferentes reflexões que constituem correntes ou escolas de pensamentos.

Platão (427-347a.C) e Aristóteles (384-322 a.C) deram à filosofia uma de suas melhores definições. Eles viram a filosofia como um discurso admirado e espantado com o mundo. A filosofia faz, na concepção tradicional que aparece em Platão e Aristóteles, ou seja, põe certas perguntas que nos obrigam a olhar o banal como não mais banal.

A filosofia, então, é o vocabulário com o qual desbanalizamos o banal. Tudo com o qual estamos acostumados torna-se motivo para uma suspeita, tudo que é corriqueiro fica sob o crivo de uma sentença indignada, e então deixamos de nos aceitar como acostumados com as coisas que até então estão estávamos acostumados.

A maioria das definições de filosofia são razoavelmente controversas, em particular quando são interessantes ou profundas. Esta situação deve-se em parte ao fato de a filosofia ter alterado de forma radical o seu âmbito no decurso da história e de muitas das investigações nela originalmente incluídas terem sido mais tarde excluídas (ARANHA, 1996).

Uma definição é que a filosofia consiste em pensar sobre o pensamento. Isto permite-nos sublinhar o caráter de segunda ordem da disciplina e tratá-la como uma reflexão sobre gêneros particulares de pensamento — formação de crenças e de conhecimento — sobre o mundo ou porções significativas do mundo (ARANHA, 1996).

Uma definição mais pormenorizada, mas ainda assim incontroversa e abrangente, é que a filosofia consiste em pensar racional e criticamente, de modo mais ou menos sistemático sobre a natureza do mundo em geral (metafísica ou teoria da existência), a justificação de crenças (epistemologia ou teoria do conhecimento), e a conduta de vida a adaptar (ética ou teoria dos valores). Cada um dos três elementos listados possui uma contraparte não filosófica, da qual se distingue pelo seu modo de proceder explicitamente racional e crítico e pela sua natureza sistemática. Todos nós temos uma concepção geral sobre a natureza do mundo em que vivemos e do lugar que nele ocupamos. A metafísica interroga-se sobre os pressupostos que sustentam acriticamente estas concepções recorrendo a um conjunto organizado de crenças (ARANHA, 1996).

Conforme Chauí (1985), "ocasionalmente, duvidamos e questionamos crenças, não só as nossas como as alheias, e fazemos com mais ou menos sucesso sem possuímos uma teoria acerca do que fazemos". Também orientamos as ações com vista a objetivos e fins que valorizamos. A ética, ou filosofia moral, no sentido mais inclusivo, pretende articular, de uma forma racional e sistemática, as regras ou princípios subjacentes. (Na prática, a ética tem-se restringido aos aspectos morais da conduta e, em geral, tem tendência para ignorar a maioria das ações que praticamos em virtude de critérios de

eficiência ou prudência, como se fossem demasiado básicos para justificarem um exame racional).

Os primeiros filósofos reconhecidos, os pré-socráticos, eram sobretudo metafísicos preocupados em estabelecer as características essenciais da natureza no seu todo. Platão e Aristóteles escreveram penetrantemente sobre metafísica e ética; Platão sobre o conhecimento; Aristóteles sobre lógica (dedutiva), a técnica mais rigorosa para justificar crenças; estabeleceu as suas regras de uma forma sistemática e manteve intacta a sua autoridade durante mais de 2000 anos. Na Idade Média, ao serviço do cristianismo, a filosofia apoiou-se primeiramente na metafísica de Platão, e em seguida na de Aristóteles, com o propósito de defender crenças religiosas. No Renascimento, a liberdade de especulação metafísica ressurgiu; na sua fase tardia, com Bacon e, de um modo mais influente com Descartes e Locke, dirigiu-se para a epistemologia com o objetivo de ratificar e, tanto quanto possível, acomodar a religião e os novos desenvolvimentos das ciências naturais (CUNHA,1992).

Boa parte da filosofia volta-se mais para o modo pelo qual conhecemos as coisas do que propriamente para as coisas que conhecemos, sendo essa uma segunda razão pela qual a filosofia parece carecer de conteúdo. No entanto, discussões a respeito de um critério definitivo de verdade podem determinar, na medida em que recomendam a aplicação de um dado critério, quais as proposições que na prática deliberamos serem verdadeiras. As discussões filosóficas da teoria do conhecimento têm exercido, ainda que de modo indireto, importante efeito sobre as ciências (CUNHA,1992).

Diferentes partes da filosofia, e diferentes elementos que compõem nossa visão de mundo, deveriam integrar-se. Sendo assim, conceitos à

primeira vista muito distanciados podem vir a afetar de modo vital outros conceitos que envolvem mais de perto a vida diária.

A filosofia merece ser valorizada por si própria, e não por seus efeitos indiretos de ordem prática. E a melhor maneira de assegurarmos esses bons efeitos práticos é nos dedicarmos em encontrar a verdade, buscando-la desinteressadamente.

CAPITULO 2

A TRANSFORMAÇÃO DO HOMEM ATRAVÉS DA FILOSOFIA

O homem é um ser que interroga a vida, e deve interrogá-la continuamente. O modo de perguntar difere de homem para homem, mas o próprio enigma sempre permanece. A resposta do homem ocorre dentro de um determinado contexto histórico (HUSSERL,1965).

Para Aristóteles (384-322 a C.), “todos os homens desejam naturalmente saber. Muitos, contudo, se perdem nesta tarefa ao longo da vida, talvez por desconhecerem um caminho”.

É preciso buscar conceituar a filosofia de forma simples e existencial, compreender o que ela é, e verificar o seu significado para a vida humana.

A filosofia está associada tanto ao saber teórico quanto à sabedoria prática. De fato, o sucesso da filosofia teórica não nos oferece qualquer garantia de que seremos filósofos no sentido prático ou de que agiremos e sentiremos de modo correto sempre que nos envolvermos em determinadas situações práticas. A filosofia se manifesta como uma forma de entendimento que tanto propicia a compreensão de sua existência, em termos de significado, como oferece um direcionamento para sua ação. A filosofia é o campo de entendimento que, quando nos apropriamos dele, nos percebemos refletindo sobre a cotidianidade dos seres humanos: Desde as coisas mais simples até as mais complexas. O ato de filosofar não é unicamente um processo individual, mas também um processo que possui uma contrapartida social.

Ao colocar-se na posição de que o homem, ser da natureza, constitui entre muitos outros cósmicos, físicos, biológicos, um agente da transformação do universo, a filosofia situou na experiência de campo e processo dessas contínuas metamorfoses.

Não agimos por agir. Agimos por certa finalidade, que pode ser mais amplas ou restritas; as finalidades mais amplas são aquelas que se referem ao sentido da existência, busca o bem da sociedade, lutar pela emancipação dos oprimidos, e assim por diante. Isso porque é certo que a vida só tem sentido se vivido em função de valores dignos e dignificantes (HUSSERL,1965).

Todos tem uma forma de compreender o mundo, ninguém age no escuro, sem saber onde vai ou porque vai. Só se pode agir a partir de um esclarecimento do mundo e de uma realidade. Todos vivem de uma concepção do mundo, agem e se comportam de acordo com uma significação inconsciente que emprestam a vida. E neste sentido que podemos dizer que todo homem é filósofo.

Todos temos uma filosofia de vida, ou seja, nos orientamos por valores implícitos (inconsciente) ou explícitos (conscientes). De acordo com Husserl (1965) "quando falamos em filosofia de vida queremos dizer que esse direcionamento diário inconsciente pode ocorrer da massificação, do senso comum, que adquirimos e acumulamos espontaneamente".

Não é possível viver sem pensar, uma das características do homem e a necessidade, de não só conhecer a natureza a fim de poder transformá-la pelo trabalho, mas a necessidade de compreender-se a si mesmo.

Não há, portanto, vida humana consciente de si mesma sem reflexão filosófica, sem reflexão crítica sobre o real, considerado em sua totalidade. A

filosofia vai coincidir com que se chama de processo de consciência ou conscientização, tanto no sentido do tempo como no julgamento (Reflexão Crítica).

Não existe um modelo de homem, é impossível existir um homem padrão, um modelo que todos deveriam seguir a risca. O que existe é uma condição humana que resulta do conjunto das relações humana, de sua vocação como homem.

Este último ponto é importante, pois afasta qualquer tentativa de estabelecer a existência de uma natureza humana fixa e imutável, ou de estabelecer distinções entre os homens com base em qualquer aspecto extrínseco, como a raça, a cor, ou religião (HUSSERL,1965).

O homem, como os outros seres vivos, também se esforça para se preservar, numa das coisas que difere dos outros organismos é que produz os meios para sua existência, reorganizando e modificando os recursos naturais disponíveis. Age dirigido por finalidades conscientes, para responder aos desafios da natureza e para lutar pela sobrevivência.

O homem, ao colocar-se no mundo, estabelece uma ligação entre o sujeito que quer conhecer e o objeto a ser conhecido. O sujeito se transforma mediante o novo saber e o objeto também se transforma, pois o conhecimento lhe dá sentido (COTRIN, 1993).

O homem é um agente transformador da natureza, e a natureza é o resultado dessa transformação. Ao atuar através de sua atividade produtiva sob a natureza, pelo trabalho cuidando de prover sua existência mediante a apropriação e incorporação dos recursos naturais transformados, o homem não estabelece apenas relações individuais com a natureza. Ao mesmo tempo em

que estabelece relações técnicas de produção, vai instaurando relações inter-individuais, relações com os outros homens. Cria a estrutura social segundo Cotrin (1993).

O homem se descobre e se afirma no mundo, não como um mero objeto integrante da realidade total, mas como sujeito no qual essa realidade se transfigura. Ao interpretar e transformar a realidade, o homem se encontra com outros seres humanos envolvidos na mesma tarefa, é o que chamamos de confronto com outros sujeitos.

Na medida em que alguém fala e acolhe a palavra do outro realiza o reconhecimento mais profundo outro como sujeito. No instante em que o homem reconhece o outro e com ele dialoga em busca de um sentido para o mundo para a existência, nasce à história.

Dar um sentido ao mundo no diálogo das consciências, é existir plenamente como homem e, portanto, existir plenamente como sujeito do processo histórico (HUSSERL,1965).

Na medida de nossas forças, construímos, uma filosofia e a ela nos acomodamos, tão bem como tão mal, em nossa ânsia e inquietação de compreender e de pacificar o espírito. Quando a ciência vai refazendo o mundo e a onda de transformação alcança as peças mais delicadas da existência humana, só quem vive à margem da vida, sem interesse e sem paixões, sem amores e sem ódios, pode julgar que dispensa uma filosofia. Só com uma vida profundamente superficial podemos não sentir as solicitações diversas e antagônicas das diferentes fases do conhecimento humano, e os conflitos e perplexidades atordoantes da hora presente.

Aprender concepções e verdades que engessam o processo de ação e reflexão diante do mundo e de sua própria existência , é desta que filosofia transforma o homem.

Contudo, boa parte da filosofia volta-se mais para o modo pelo qual conhecemos as coisas do que propriamente para as coisas que conhecemos, sendo essa uma segunda razão pela qual a filosofia parece carecer de conteúdo. No entanto, discussões a respeito de um critério definitivo de verdade podem determinar, na medida em que recomendam a aplicação de um dado critério, quais as proposições que na prática deliberamos serem verdadeiras.

Não é tarefa da filosofia investigar intenções ocultas e preexistentes da realidade, mas interpretar uma realidade carente de intenções, mediante a capacidade de construção de figuras, de imagens a partir dos elementos isolados da realidade; ela levanta as questões, cuja investigação exaustiva é tarefa das ciências; uma tarefa à qual a filosofia permanece continuamente vinculada, porque sua intensa luminosidade não conseguiria inflamar-se em outro lugar a não ser contra essas duras questões.

A filosofia tem exercido, por mais que ignoremos isso, uma admirável influência indireta até mesmo sobre a vida de gente que nunca ouviu falar nela. Indiretamente, tem sido destilada através de sermões, da literatura, dos jornais e da tradição oral, afetando assim toda a perspectiva geral do mundo. Em grande parte, foi através de sua influência que se fez da religião cristã o que ela é hoje. Devemos originalmente a filósofos idéias que desempenharam papel fundamental para o pensamento em geral, mesmo em seu aspecto popular, como, por exemplo, a concepção de que nenhum homem pode ser

tratado apenas como um meio ou a de que o estabelecimento de um governo depende do consentimento dos governado.

No âmbito da política, a influência das concepções filosóficas tem sido expressiva. É inegável que a influência da filosofia sobre a política pode às vezes ser nefasta: os filósofos alemães do século XIX podem ser parcialmente responsabilizados pelo desenvolvimento de um nacionalismo exacerbado que posteriormente veio a assumir formas bastante deturpadas. Todavia, não resta dúvida de que essa responsabilidade tem sido freqüentemente muito exagerada, sendo difícil determiná-la exatamente, o que se deve ao fato de aqueles filósofos terem sido obscuros. Contudo, se uma filosofia de má qualidade pode exercer influência nefasta sobre a política, com as filosofias de boa qualidade pode ocorrer o contrário. Não há meios de impedir tais influências sendo portanto extremamente oportuno que dediquemos especial atenção à filosofia com o intuito de constatar se concepções que exerceram alguma influência foram mais positivas do que nefastas. Uma boa filosofia, ao influenciar favoravelmente a política, pode gerar uma prosperidade incapaz de ser alcançada sob a égide de uma filosofia inferior (HUSSERL,1965).

CAPITULO 3

O SENTIDO DA FILOSOFIA PARA A EDUCAÇÃO

As experiências vitais da maioria dos Homens, aquelas que tecem a estrutura de suas personalidades e determinam o curso de suas vidas, são amplamente ignoradas na pesquisa mental e social. À medida que nos aproximamos da experiência interior do Homem, dos métodos necessários à compreensão dessa experiência, vai-se ingressando em um novo universo, de mitos e significados, de valores pessoais, de imagens mentais e simbolismos criativos. As questões decorrentes desse universo interno de experiência, quando traduzidas e reificadas pelo indivíduo, representam a amplitude e profundidade da personalidade humana. Surgem polaridades vitais: amor e ódio, vida e morte, alegria e pena, crime e castigo, estabilidade e mudança, criatividade e conformismo, responsabilidade e dependência, e tudo isso adota relações de tensão que devem ficar abertas à conscientização.

As concepções e teorias filosóficas limitadas do homem são aquelas que preferem vê-lo, ou como vítima predestinada por uma programação genética, construída ao longo de milênios, ou de uma complexa história de reforço de comportamento; ou somente como joguete em um duelo de forças psíquicas inconscientes e pressões sociais externas, na busca da satisfação de seus instintos e pulsões. O homem perde virtualmente o controle de sua própria direção vital, vítima de uma "psicopatologicização existencial", seguindo uma trajetória conhecida, que passa pela angústia, depressão, apatia, tédio, podendo chegar até ao suicídio, todos, sintomas existenciais

A educação se vê diante desses desafios, cruciais para o estabelecimento de seus objetivos e suas práticas. Educar para cidadania requer, reflexões a cerca da condição humana (GADOTTI,1979) .

A partir das relações que estabelecem entre si, os homens criam padrões comportamentos, instituições e saberes, cujo aperfeiçoamento é feito pelas gerações sucessivas, o que lhes permite assimilar e modificar os modelos valorizados em uma determinada cultura. É a educação, portanto, que mantém vida a memória de um povo e dá condições para sua sobrevivência. Por isso dizemos que a educação é um instancia mediadora que torna possível a reciprocidade entre individuo e sociedade. (ARANHA, 1996, p.15).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) incorporam essa tendência e a incluem no currículo de forma a compor um conjunto articulado e aberto a novos temas buscando um tratamento didático que contemple sua complexidade e sua dinâmica, dando-lhes a mesma importância das áreas convencionais.

Uma tomada de posição implica necessariamente eleger valores, aceitar ou questionar normas, adotar uma ou outra atitude essas capacidades podem ser desenvolvidas por meio da aprendizagem. Portanto, análise crítica das diferentes situações possibilita a contextualização histórica e cultural, favorecendo o desenvolvimento da capacidade de analisar criticamente, assim as escolhas pessoais serão conscientes e respeitam os valores que expressam a vida do individuo. As diferentes visões e até conflitos entre as normas respondem de maneira diversa às diferentes visões e interpretações do mundo.

Nesse contexto, a Filosofia ganha importância e se confronta com esses novos desafios, analisando , interpretando, entendendo como se processa a ação docente e discente. A filosofia pode causar espanto a muita gente, mas

para muitos é assunto de especialistas e, por isso, desinteressante. Porém, na escola, é preciso abrir perspectivas que despertem o gosto pela Filosofia sem gerar no aluno uma aversão à tarefa de pensar (GADOTTI,1979).

Dar um lugar para a Filosofia dentro do processo educacional significa levar a sério a necessidade que todos os jovens têm de pensar e de questionar, de voltar-se sobre seu pensamento e refinar suas respostas, para que tenham uma chance real de explorar assuntos de importância (GADOTTI,1979).

“Enquanto a educação trabalha com o desenvolvimento dos jovens e das novas gerações de uma sociedade, a filosofia é a reflexão sobre o que e como devem ser ou desenvolver estes jovens e esta sociedade.(...)O educando, que é, o que deve ser, qual o seu papel no mundo; o educador , quem é, qual o seu papel no mundo; a sociedade, o que é, o que pretende; qual deve ser a finalidade da ação pedagógica.Estes são alguns problemas que emergem da ação pedagógica dos povos para a reflexão filosófica, no sentido de que esta estabeleça pressupostos para aquela(LUCKESI,1994,p.31-32)”.

O ensino filosófico, com as crianças, adolescentes e jovens, portanto, na educação infantil, no ensino fundamental e médio, deve contribuir para a formação de uma consciência crítica, abrir o entendimento para as formas atuais de dominação e opressão que estão presentes em todas as relações sociais da vida, manifestadas por ideologias e convenções. Deve-se aprender a pensar, através da Filosofia, fazendo-se uma crítica constante a cultura dominante e as manifestações que nos levam a um pragmatismo reducionista da vida. A premissa reside em reconhecer que todos os homens são filósofos, enquanto pensam e agem racionalmente, como dizia Gramsci. É papel

essencial da escola, oferecer uma formação que leve ao aprimoramento constante da racionalidade.

Ao se trabalhar a filosofia com as crianças, percebe-se facilmente que elas têm inclinação natural para a curiosidade, admiração, indagação, discussão e reflexão. Esses são traços cognitivos do empenho que a criança faz para descobrir como as coisas funcionam no mundo.

“Uma filosofia para crianças e jovens não estaria preocupada em formar discípulos para perpetuar um certa corrente filosófica, uma certa visão de mundo, mas para ajudar a pensar e a transformar o mundo. Conceber a filosofia como uma especialidade é derrotá-la antes mesmo de iniciar a batalha por ela.” (GADOTTI, 2000,p.28)

É preciso levar os jovens , por meio de questionamentos, a trabalharem os conceitos e os problemas filisóficos que surgem no cotidiano e se aproximam da vida. É preciso a reflexão critica e autonoma do pensar. È preciso aprimorar a reflexão filisofica nos alunos, os valores que orientam a sociedade, o que é ser justo , como é um bom politico, o que é moral, oque dá sentido à vida, para que servem as armas, entre outros (GADOTTI,1979).

Por isso, experiência filosófica para os jovens é extremamente apaixonante, pois leva a busca da verdade e das respostas preenchendo seu espírito inquieto.

“Serão as crianças que construirão suas filosofias e seus modos de produzi-las. Não é mostrando que as crianças podem pensar como adultos que vamos revogar o desterro de sua voz. Pelo contrário, nesse caso haveremos cooptado, o que constitui uma outra forma de silenciá-las. Seria mais adequado preparar-nos para escutar uma voz diferente como expressão de uma filosofia diferente, uma razão diferente, uma teoria do conhecimento diferente, uma ética diferente e uma

política diferente: aquela voz historicamente silenciada pelo simples fato de emanar de pessoas estigmatizadas na categoria de não adultos” (KOHAN, 1999,p.70)

A filosofia é interdisciplinar , por seu pensamento critico funde com as demais disciplinas através do questionamento, espírito de auto-correção, logicidade e a racionalidade. Pode ser trabalhada a partir de temas reais e atuais com diversos tipos de textos orais ou escritos: literários-prosa e verso, jornalismo, musicais pinturas, mas acima de tudo trabalhar os textos filosóficos. Os textos filosóficos são meio de conhecimento, uma vez que devemos passar por eles para conhecer os filósofos, para que entrem em contato com suas ideias, ampliando sua compreensão de mundo, e para que descubram novos significados para sua existencia, auxiliando-os em suas escolhas , ações no convívio humano e com a natureza. Conhecer os problemas que foram colocados e as soluções propostas, também conhecer os conceitos e o vocabulário da Filosofia.

È preciso evitar que as aulas de filosofia se transforme apenas em discussões sobre assuntos polêmicos , para isso é necessária uma seleção de textos para servir a uma proposta objetivos claros e bem definidos. O caminho para conduzir o aluno deverá ser feito desde a tomada de consciência de sua ingenuidade sobre os fatos até a compreensão da trajetória de sua vida (GADOTTI,1979) .

CONCLUSÕES

A filosofia possibilita um salto para uma vida mais plena e, junta outras manifestações do espírito humano, como a arte, a literatura, a religião, é um convite à transcendência (KOHAN, 1999).

A filosofia deve ter um lugar privilegiado na vida humana, pois além de possibilitar a racionalidade, sempre esteve na origem das mudanças decisivas na história da humanidade, por isso não é inútil como pensam. Tem como objetivo a totalidade das coisas, desde as raízes, as causas primeiras até as últimas. Tudo o que diz respeito a vida refere-se à Filosofia e torna-se ponto de partida de sua reflexão. Ajuda a desvendar os horizontes obscuro e incompreensível para o homem comum, que pouco questiona sobre os sentidos das coisas.

A Filosofia é uma atividade humana indispensável. Pode nos livrar do conceito de juízos antecipados, de uma abordagem superficial da realidade, fruto da limitação da compreensão humana, sustentada por aparências, às quais o homem se apega facilmente.

Se a filosofia está começando a encontrar novamente um lugar no ensino é porque educadores descobriram que os jovens podem se encantar com ela e que ela contribui significativamente para seu desenvolvimento educacional. Talvez em nenhum outro lugar a Filosofia seja mais bem vinda do que na sala de aula. Toda disciplina parece ser mais fácil de aprender quando seu ensino é inspirado pelo princípio aberto, crítico e de rigor lógico característico da Filosofia, ajudando os alunos a refletirem efetivamente sobre os valores que constantemente são importantes para eles.

É preciso que se crie um espaço para a Filosofia, desde as séries iniciais, pois quanto mais cedo colocarmos nossas crianças em contato com a reflexão filosófica, mais críticos se tornarão. Poderão aprender a reinterpretar a vida, abrindo novas perspectiva para um futuro mais justo e generoso de nossa sociedade.

É necessário enfrentar o desafio da Filosofia, para percebemos sua sedução, seu mistério, adquirindo a responsabilidade de passar da opinião e das simples crença ao conhecimento, acreditamos ainda, que passa pelo ensino da filosofia a melhor ou senão oportunidade de melhoria do ensino nas escolas. Podemos compreender agora o motivo pelo qual a filosofia não precisa reear a questão de ter ou não valor prático.

Encerrando foi buscando uma prática docente comprometida com a transformação da sociedade e com um ensino de qualidade, é que a proposta deste trabalho é mostrar a necessidade de se fazer uma reflexão sobre a importância e o papel do ensino de Filosofia nas escolas.

6- REFERENCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. Filosofia da educação. 2ª ed., São Paulo: Moderna, 1996.

_____. Filosofia da educação, 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2002.

BRANGATTI, Paulo R. O ensino de filosofia no segundo grau: uma necessidade de leitura do cotidiano. Piracicaba: Unimep, 1993.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais, Brasília, 1997.

CHAUÍ, Marilena. Convite à filosofia. São Paulo: Ática, 1995.

_____. O ensino da Filosofia (curso médio e curso superior). Fortaleza, 29 Reunião da SBPC, 1980.

COSTA, Marisa Voraber. "O ensino da Filosofia: revisitando a história e as práticas curriculares". Educação & Realidade 17(1): 49-58. jan./jun. 1992.

COTRIN, Gilberto. Fundamentos da Filosofia: ser, saber e fazer. 8ª ed. São Paulo: Saraiva, 1993.

CUNHA, J. Auri. Filosofia; iniciação à investigação filosófica. São Paulo: Atual, 1992.

FREIRE, Roberto de B. Educar para o pensar: a filosofia na educação. Cuiabá: UFMT, 1994. (Dissertação de mestrado).

GADOTTI, Moacir. "Para que serve afinal a filosofia?" Reflexão 4(13): jan./abr. 1979.

GALLO, Sílvio "Perspectivas da filosofia no ensino médio brasileiro". In KOHAN, Walter & LEAL, Bernardina (org.). Filosofia para crianças em debate. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 174-187.

GASPARELLO, Arlete M. A questão do ensino da Filosofia no 2 grau. Niterói: UFF, 1986. (Dissertação de mestrado).

HUSSERL, Edmund. A filosofia como ciência do rigor. Coimbra: Atlântica, 1965.

KOHAN, Walter O. & WUENSCH, Ana Míriam (orgs.) Filosofia para crianças: a tentativa pioneira de Matthew Lippman. Petrópolis: Vozes, 2000. (Col. Filosofia na Escola, vol. 1).

LUCKESI, C.C. Filosofia da educação. São Paulo: Cortez, 1991.

SANTOS, Nilson. Filosofia para crianças: uma proposta democratizante na escola? São Paulo: PUCSP, 1994. (Dissertação de mestrado).

SAVIANI, Demerval (et al). Filosofia da Educação Brasileira, Rio de Janeiro, 2ª ed, : Civilização Brasileira, 1985.

SEVERINO, Antônio J. "Filosofia e ciências humanas no ensino de 2º grau: uma abordagem antropológica da formação dos adolescentes". In: QUEIROZ, José J. (org.) Educação hoje: tensões e polaridades. São Paulo: FECS/USF, 1997.

_____ Filosofia. São Paulo, Cortez, 1992 (Coleção Magistério 2º grau. Série Formação geral).